TL 3623

A ORIGIM DE TIMOR E O CROCODILO

Timor

Era no tempo em que os animais falavam. Lá para terras de Macassar, havia um coilão de águas lamacentas e sossegadas.

Habitava-o um crocodilo, que passava a maior parte do tempo acaçapado nas margens à espera de presa incauta.

Dias e dias se passaram e ele esfomeado. Era Verão, fazia calor logo de manhã cedo. No céu nem uma nuvem. Nenhuma aragem. Apenas um sol abrasador, junto com o ofegante da humidade.

Perto havia uma pequena aldeia. Dela não chegava qualquer ruído.

- Deve estar sem ninguém. Os homens devem ter ido para as lides do mar, as mulheres e as crianças para os campos - cismava o crocodilo.

Nesta convicção, arrastou-se por sobre a areia escaldante. Talvez alapardando-se debaixo de uma sombra amiga lhe viesse à mão algum rafeiro vadio, algum cerdo descuidado ou algum cabrito desprevenido. A fome acossava-o. Era preciso caminhar depressa, aproveitar a saída dos habitantes antes que eles regressassem.

Mas nada conseguiu lograr. Iniciou o regresso, agora mais faminto e amargurado. O Sol já ia a pino. A terra escaldava como ferro em brasa. E nem uma sombra pelo caminho.

Rastejava a custo, a muito custo. As margens da riberia estavam longe. A areia parecia-lhe cada vez mais abrasadora. Nem uma nuvem passageira lhe minorava a ardência do sol. O corpo, sentia-o qual peso de chumbo e a marcha mais e mais se tornava penosa. Ficou exangue. Não podia mais. Ali se ficou a gemer e a contorcer-se.

Mas eis que por ali passava um rapazito, que ouviu os seus roncos doloridos. Aproximou-se para averiguar de onde partiam aqueles gemidos.

Chegado ao pé do pobre animal, condoeu-se o jovem. Tentou levantá-lo e, vendo que não era muito pesado, tomou-o ao colo e levou-o até ao coilão.

Os olhos do crocodilo, embora mortiços pelo cansaço, lampejavam de reconhecimento e de mansidão.

Entrado na água, o réptil recobrou ânimo e exultou de satisfação. E quase imediatamente, movido de gratidão, disse ao rapaz:

- De ora em diante seremos grandes amigos. Nenhum crocodilo ousará molestar-te. E querendo tu passear pelas ribeiras ou pelos mares, chama-me, que eu te transportarei no meu dorso até onde quiseres. Se for do teu agrado, agora mesmo poderemos partir.

O rapazito aceitou logo a oferta e nesse próprio dia vogou às costas do crocodilo. Era já tarde quando voltou a casa.

Depois, sempre que desejava fazer-se ao mar ou passear nas águas quedas do coilão, chamavam pelo crocodilo, que, solícito e célere, comparecia, ajeitando carinhosamente o dorso para o jovem se sentar. Assim sucedeu durante muito tempo.

Certa vez, porém, deslizavam os dois amigos pelo mar alto quando o crocodilo, cheio de fome, sentiu a tentação de comer o companheiro.

Mas resistiu a tão vil impulso. De um lado, o instinto voraz, do outro, mordentes escrúpulos de cometer tão feia ingratidão.

E não foi a única vez. Noutras digressões, o crocodilo experimentou a mesma tentação. Era preciso justificar, perante a sua consciência e aos olhos dos outros animais, o acto que desejava praticar.

Consultou-se primeiro com os peixes do mar e a seguir com uma baleia.

- Deve-se fazer bem ou mal a quem uma vez nos valeu?

Todos responderam que de modo algum se deve fazer mal. E na mesma moeda que se deve retribuir: o bem com o bem.

Esta resposta não agradou aos seus instintos. Cada vez mais lhe crescia a saliva na boca ao lembrar-se do há muito apetecido pitéu. Mas no fundo condenava um desejo tão torpe.

Nesta luta íntima, procurou todos os animais da Terra, interrogando-os de um por um, e todos responderam como os peixes e o cachalote.

Finalmente, lembrou-se do macaco, conhecido pelas suas cabriolices e matreirice. Talvez ele, no seu irrequietismo, o tranquilizasse para a prática da acção que há tanto tempo vinha congeminando. Mas, pulando sempre de um lado para outro, de um ramo para outro, parecendo que lhe não dava atenção, arregalou os olhos e, estupefacto, indagou:

- Que dizes tu?

Julgando bem encaminhado o seu caso, o crocodilo repetiu, com satisfação, a pergunta. Aqui, o símio, de repente, ficou hirto e, tomando uma expressão carrancuda, numa voz calma e compassada, aplicou ao hidrossáurio severa reprimenda:

- Não tens vergonha?! Tu, que foste salvo por esse jovem, e agora, em paga, o queres devorar?!

E, nisto atirou-lhe, com desdém, as cascas do fruto que estava a comer, fez um esgar de repulsa e abalou por entre a ramaria cerrada da floresta.

De todas, a resposta do macaco foi a que mais fundo calou no ânimo do crocodilo. E, confundido e envergonhado, pôs de banda o seu intento. Mais ainda: resolveu transportar o seu amigo pelos mares além em busca de ventura para lhe recompensar a dedicação.

E, logo na vez primeira que ele foi à praia, carregou-o no dorso e fez-se de longada, por sobre as ondas glaucas do mar, em direcção do Oriente, na fé de que lá, mais perto de onde nasce o Sol, deveria haver coisas tão belas como belo é o astro-rei.

O crocodilo remou, remou. Andou, andou, andou. Por fim, já extenuado, sem forças, parou.

No céu brilhava um sol de turquesa, espelhando-se nas águas baloiçantes do oceano. Aqui, ali, lá ao longe, uma nuvem branca de alva, em novelos fofos.

De súbtio, o crocodilo fez-se terra, crescendo, alongando-se e alteando. E a primitiva configuração, esguia como o seu corpo, desde Lautém até Cupão, bojuda no meio como a barriga do anfíbio, manteve-se no entanto.

E esse rapaz, que foi o primeiro habitante da Ilha, lhe chamou Tímur, que quer dizer "Oriente", e que os Portugueses afeiçoaram, segundo os seus hábitos fonéticos, para Timor.